

Thomas Merton: sua vida e o diálogo com o oriente¹

Francilaide de Queiroz Ronsi²

Resumo

Thomas Merton percorreu um caminho gradual de ascensão à Verdade. Boa parte de sua jornada, transcorreu em caminhos indiretos, às vezes às escuras, vislumbrando ao longe uma centelha de luz. Seus escritos são marcados pelo desejo de subir a montanha e um descer constante a realidade dos homens. Um místico do século XX, que do isolamento do seu mosteiro, depois de ter conhecido os prazeres e tédios dos sentidos, foi uma das vozes mais atuantes do seu tempo: nenhum dos dilemas da humanidade escapou da sua atenção. Ele chega a se declarar como o “Espectador culpado” duma sociedade egoísta. E foi a partir do seu ecumenismo e macroecumenismo que muitos o consideraram um dos precursores do diálogo inter-religioso e da teologia e espiritualidade da libertação. Nosso percurso através de sua experiência e pensamento aventurou-se num primeiro momento por sua autobiografia, *A montanha dos sete patamares*, narrativa do itinerário de sua vida. E em seguida enveredamos em algumas das páginas do seu diário reunidas em uma obra, *Merton da Intimidade*³, trazendo passagens da sua extraordinária caminhada traduzidas em desafios, confrontos, interação e diálogo com as tradições religiosas do ocidente e do oriente, e por fim, sua trágica morte. Sua contribuição está em uma espiritualidade encarnada com a realidade, uma espiritualidade da libertação, que se traduz em uma abertura ao outro, ao diferente; no diálogo frutuoso com as diversas religiões Orientais, que não diminui ou causa difusão, mas contribui para encontrar no cristianismo dimensões que não conseguiria perceber sem a ajuda destas. **Palavras-chave:** diálogo, religiões, ecumenismo, macroecumenismo.

Abstract

Thomas Merton walked through a gradual way ascension to the Truth. Good part of his journey happened in indirect ways, sometimes in the dark, glimpsing in the distance a light spark. Their writings are marked by the wish to climb the mountain and constantly go down to men's reality. A XXth century mystic, he went out of the isolation of his

monastery, and after having known senses pleasures and tediums, was one of the most heard voices of our time. None of the humanity's dilemmas escaped from his attention. He declared himself the "Guilty spectator" of a selfish society. And it was out of his ecumenism and macroecumenism that many considered him one of the pioneers of interreligious dialogue, and of the liberation theology and spirituality. Our route through his experience and thought ventured in a first moment through his autobiography, *The seven storey mountain*, the narrative of his life's itinerary. And soon after we will walk through some of the pages of his diary gathered in a work called *Merton in Intimacy*, which brings passages from his extraordinary way translated in challenges, confrontation, interaction and dialogue with religious traditions of the west and the east, and finally, his tragic death. His contribution is in a spirituality embodied within reality, a liberation spirituality that we translate as an openness to the other, to the different; in the fruitful dialogue with the several Eastern religions, that does not decrease or causes diffusion, but contributes to find in christianity dimensions that it would not manage to realize without their help. **Key words:** Dialogue, religions, ecumenism, macroecumenism

Nasceu em uma pequena cidade da França, Prades, em 31 de janeiro de 1915. Na infância passou por uma fase muito difícil, sua mãe morreu e o pai começou a viajar, ficando ele e seu irmão mais novo com os avós paterno, em Flushing⁴. Estes eram protestantes, um protestantismo que TM dizia não identificar. Para eles as religiões eram compreendidas apenas do ponto de vista puramente natural e social. Ele herdou de seu avô uma compreensão fria e desagradável do catolicismo.

Quando seu pai retornou de sua longa viagem, junto com a alegria, surgiu o descontentamento por saber que iriam se mudar para França.

Escrevera mais tarde: "França! Sinto-me feliz por ter nascido em teu solo. E também porque a Providência me reconduziu a ti antes que fosse tarde demais"⁵. Não era o que pensava quando criança, ao chegar a Calais, num dia chuvoso de setembro de 1925.

No novo colégio demorou a se adaptar e teve pela primeira vez sua experiência de angústia e desolação, vazio e abandono⁶.

Seu pai passou a viajar com muita frequência e tiveram que partir para Inglaterra, onde se iniciou uma nova etapa de sua vida. Neste período de mudanças seu pai ficou doente. E com pouco tempo veio a falecer.

Depois de superar esta grande perda, TM assume sua vida com uma liberdade própria do século XX. Estava destinado a viver como um autêntico cidadão do seu século.

Em uma ocasião quando viajava, decidiu ser comunista mesmo não sabendo o que isso significava⁷. Passou a evitar discursões sobre religião. E terminado seu curso decidiu ir para a faculdade de Cambridge⁸. Mas antes viajou de férias para Roma.

Foi na cidade romana que conheceu um pouco sobre a história de Jesus.

E pela primeira vez na vida comecei a descobrir alguma coisa daquela Pessoa que muitos chamavam de Cristo. Foi um conhecimento obscuro, mas verdadeiro, e em certo sentido, mais verdadeiro do que supus e mais verdadeiro do que eu admitiria ⁹.

Visitou várias igrejas e museus, até que passou a visitar não só pela sua arte, mas pela paz que o ambiente lhe dava. Quando partiu passando perto de um mosteiro trapista de Ter Fontane, desceu do bonde e se surpreendeu:

Entrei na Igreja escura, austera e velha; mais gostei. Tive medo de visitar o mosteiro. Pensei que os monges estivessem muito ocupados, sentados em seus túmulos e chicoteando-se com azzorragues. Fiquei então andando de cá para lá na silenciosa tarde ... crescia em mim o pensamento: Quero ser monge trapista¹⁰.

No entanto, tudo era por ele interpretado como um devaneio. Na faculdade todos estranhavam o seu grande entusiasmo pela

vida, um desejo de viver tudo intensamente. Em um momento suas leituras o fizeram refletir e até mesmo perceber sua infelicidade¹¹. Passou a ler os livros de Freud, Jung e Adler em busca de respostas para a causa de sua infelicidade, que acreditava ser a repressão sexual.

Quando termina o curso deixa a faculdade e vai para a América. Na viagem quando atravessava o mar, compreendera que tudo que havia acontecido desde sua adolescência precisava de um ajuste moral. Tudo que tinha conseguido com seus sonhos, prazeres e deleites estava transformado em cinzas.

Ele decidiu lutar pelas causas sociais. Estava pronta sua nova religião, prática e fácil. Assim, procurava reparar seu egoísmo com uma espécie de consciência social política.

2 Conversão pelo intelecto

Passado algum tempo fica doente e se sente fraco. O medo lhe abate, e o sinal de fraqueza e humilhação o faz perceber a morte do grande homem que pretendia ser. “Tinha ido longe demais para encontrar-me agora neste beco sem saída”¹².

Ele supera este momento sem nada fazer para mudar. Compra um livro sobre filosofia medieval sem saber que se tratava de um livro católico. O que lhe causa muita raiva: “Fiquei com vontade de jogá-lo pela janela”. Por mais que pudesse admirar a cultura católica, sempre houve grande recusa a Igreja católica.

No entanto, foi através das páginas deste livro que TM revolucionou sua concepção sobre Deus. “Foi um alívio para mim descobrir não só que nenhuma de nossas idéias, muito menos nossas imagens, podiam representar adequadamente Deus, mas também que não nos seria permitido satisfazer-nos com nenhum conhecimento dele”¹³.

A partir deste momento teve um respeito pela filosofia e pela fé católica, pois reconhecia que os cristãos católicos acreditavam em alguém realmente e que a fé não era um sonho. Passou, então, a sentir vontade de ir à Igreja e agora a procura de ajuda para satisfazer a necessidade de fé que lhe brotava da alma.

Estudando na faculdade Columbia que tinha como máxima: “Em tua luz veremos a luz”, Deus teve a oportunidade de mostrar a

Merton à luz em sua própria luz. Aqui ele teve bons amigos, como o professor de literatura Mark Van Doren e Bob Lax, que lhe indicou o livro *Ends and Means*, de Aldous Huxley. Neste livro, o autor trata sobre mística como algo real e muito sério, e que é acessível através da oração, fé, abnegação e amor. Esta leitura despertou nele um interesse pela mística oriental ¹⁴.

Nesta universidade ele conclui seu curso de bacharelado em Arte e resolve fazer uma especialização em literatura inglesa do séc. XVIII. Sua pesquisa para dissertação era examinar nos poemas de William Blake os aspectos de sua idéia religiosa. E sem perceber estava enveredando por um caminho totalmente desconhecido, deixando-se descobrir.

Foi algo especial viver em contato com o gênio e a santidade de William Blake naquele ano, naquele verão, escrevendo a dissertação... Quando terminou o verão, eu estava prestes a tomar consciência do fato de que a única maneira de viver era viver num mundo cheio da presença e realidade de Deus¹⁵.

Entretanto, ainda não chegara o momento de uma conversão vindo das raízes de sua vontade. TM estava vivendo uma realização em nível intelectual.

3 Um novo solo: “um mundo novo lhe abria”

Neste momento ele não só tinha o conhecimento intelectual sobre Deus, como também passara a desejá-lo. Precisava, no entanto, reconhecer que o intelecto é independente do seu anseio. Todas as suas contradições estavam sendo resolvidas no nível do conhecimento, sem deixar-se envolver por inteiro. “A única resposta ao problema é a graça, só a graça, a docilidade à graça. Eu ainda estava na precária posição de ser meu próprio guia e meu próprio interprete da graça. É de admirar que tenha chegado ao porto!” ¹⁶.

Diante de toda a luta que travava sua alma, ele responde ao seu impulso e vai pela primeira vez participar de uma missa. “A primei-

ra vez na vida! Era verdade... Não esquecerei facilmente o que senti naquele dia”. Passa a ficar curioso sobre a vida dos sacerdotes depois que conheceu um jesuíta. E ao ler o livro sobre Hopkins, em um capítulo que falava que queria ser católico, TM foi tomado por um desejo tão forte de ser batizado que saiu a procura de um padre e disse: “Quero tornar-me católico”¹⁷.

Foi, então, orientado pelo padre Moore por dois meses nos estudos sobre a doutrina católica. E é desejando que se realize logo seu batismo, que surge o pensamento de ser sacerdote. E à medida que se aproximava o dia TM ficava mais ansioso.

Quando chegou novembro, minha cabeça só pensava numa coisa: ser batizado e entrar finalmente para a vida sobrenatural da Igreja... Estava prestes a desembocar na praia, ao sopé da alta montanha de sete patamares de um purgatório mais escarpado e árduo que eu poderia imaginar e não tinha a mínima idéia da subida que me restava fazer¹⁸.

Estava consciente de que o batismo o levaria a misericórdia de Deus e de que um mundo novo lhe abria. O rito culminou com a eucaristia e este momento foi assim descrito por TM aos 23 anos: “E minha primeira comunhão aproximou-se de mim descendo os degraus. Eu era o único perto dos degraus. O céu era todo meu – aquele céu que na partilha não sofre divisão nem diminuição...”¹⁹.

No entanto, após o batismo não consegue viver o que tanto lhe animara e colocando o desejo de ser padre de lado, segue sua vida. O que estava acontecendo era que se julgava convertido a partir de seu intelecto. Acreditava em Deus e nos ensinamentos da Igreja e até se achava um cristão zeloso:

Eu ia à missa não só aos domingos, mas às vezes durante a semana. Nunca fiquei longe dos sacramentos; eu me confessava e comungava se não toda semana, pelo menos a cada quinze dias. Lia muitas coisas que podiam ser chamadas “espirituais”, mas não lia espiritualmente.

Precisava reconhecer que a conversão do intelecto não bastava. Enquanto sua vontade não fosse totalmente de Deus. O solo que agora pisava depois de seu batismo requeria dele uma mudança interior e não apenas cumprimento de obrigações católicas. Mas ele seguia sua vida sem perceber o convite que recebera na pia batismal. “Era estranho que eu não tenha percebido logo o quanto isso significava e chegado a compreender que era somente para Deus que eu devia viver. Deus devia ser o centro de minha vida e de tudo o que eu fazia”²⁰.

4 O desejo de um homem!

E para surpresa do próprio TM, após uma noite de festa com seus amigos e ainda estando deitado no chão, de forma esquisita e espantosa diz: “Vou ser sacerdote!”²¹. Foi claro e preciso.

Uma vez vindo de dentro dele esta afirmação era realmente o queria e estava em suas mãos a possibilidade de tornar realidade. Sem saber o que fazer, foi a uma Igreja e quando entrou viu exposto no altar Jesus sacramentado, de joelhos e em silêncio assumiu: “E então, de repente, ficou claro para mim que toda a minha vida estava em crise. Bem mais do que podia imaginar, entender ou conceber, tudo estava agora dependendo de uma palavra, de uma decisão minha”²².

O caminho que lhe abria no batismo para a terra prometida estava sendo aberto novamente. E diante da hóstia disse: “Eu quero ser sacerdote; do mais fundo do meu coração eu o quero. Se for de vossa vontade, fazei de mim um sacerdote, fazei de mim um sacerdote”²³. TM estava inflamado por todo o desejo e reconhecia ter sua vontade selada entre ele e Deus.

Agora no retorno às aulas procurou o professor Dan Walsh para falar de tudo que estava em seu coração. Conversaram sobre várias congregações, regras, jejuns e etc. Dan Walsh lhe falava sobre os trapistas com muito entusiasmo. TM sentiu arrepios, esta era uma ordem que ele não pensava entrar. E com fervor falou: “Nem pensar! Não era para mim! Não agüentaria! Estaria morto em uma semana”²⁴. A conclusão desta conversa foi que ele iria procurar os franciscanos.

Ao falar com frei Edmundo fica decidido que sua entrada ao noviciado seria no mesmo ano. No entanto, não percebe que as suas

disposições eram imperfeitas. Ele ainda não havia se submetido à vontade de Deus, à sua graça. Pois, assim pensava:

Tornar-me franciscano, especialmente neste momento preciso da história (contexto de guerra), não significava sacrifício algum, ao menos no que me dizia respeito. Até mesmo a renúncia aos legítimos prazeres da carne não me custavam tanto quanto poderia aparecer... era antes uma dívida do que sacrifício²⁵.

Fazendo uma leitura do livro de Jó se sente interpelado por Deus sobre sua vocação. E sente ameaçada sua segurança como futuro noviço franciscano.

Não que me ocorresse de duvidar do meu desejo de ser franciscano, de entrar para o convento, de ser frade...Percebi que nenhum dos homens com quem havia conversado sobre minha vocação...sabiam quem eu realmente era. Nada sabiam do meu passado²⁶.

Estava a poucas semanas do dia de sua entrada no noviciado, quando resolveu conversar com o frei e falar sobre sua vida. Contou tudo e este lhe pediu um dia para pensar. Ele tem seu pedido recusado, por ter pouco tempo de conversão, e vê sua vocação em ruínas.

Diante do sofrimento que lhe abatera, “a única coisa que sabia, além da enorme aflição em que estava mergulhado, era que não devia mais pensar que tinha vocação para o claustro”²⁷. Neste mesmo ano, na semana santa, resolve fazer retiro em um mosteiro trapista. Sem compreender e deixando-se envolver, sentiu: “Meu coração expandiu-se em alegria antecipada”²⁸.

Aceito seu pedido realiza antes de ir para o retiro uma pesquisa sobre os Trapistas e descobre que são cistercienses²⁹. Tudo que lê move seu coração. “O pensamento desses mosteiros... daqueles homens com seus capuzes, dos pobres monges, daqueles homens que voluntariamente se fizeram nada, tudo isso abalou meu coração”³⁰.

Seu coração foi invadido por um ardente desejo pela vida monástica, mais estava sempre sua razão lembrando-o de que não tinha vocação. E envolto pelo desejo de ser monge e pelo medo de não ter vocação, parte para o mosteiro Gethsemani.

Quando chega, um irmão lhe abre a porta. “Eu entrei a porta fechou silenciosa atrás de mim. Eu estava fora do mundo”³¹. Uma pergunta do monge lhe deixou apavorado: “Veio para ficar?”. E meio sem jeito respondeu que não. Sua alma ficou mergulhada no silêncio e na paz que envolvia a casa. “O silêncio era um abraço! Eu acabara de entrar na solidão de fortaleza inexpugnável. E o silêncio que me envolvia também me falava, e falava mais alto e mais eloqüente do que outra voz qualquer”³².

Quando termina o retiro e volta a sua rotina, lembra do que havia dito sobre a possibilidade de ser trapista, e sente agora que fora do mosteiro nada faz mais sentido, “como gostaria de estar de volta lá agora...”³³. E mais uma vez é atormentado por saber que não tem vocação. Deixa, então, aos cuidados de Deus seu interesse pelo claustro. Ele havia se transformado em um grande “vulcão adormecido”.

5 A decisão: “vou entrar para o mosteiro e ser padre!”

Este “vulcão” entra em erupção de forma surpreendente. TM sente um avassalador desejo, ser trapista. E por existir a preocupação sobre sua vocação, procura o frei Philotheus para conversar. Para sua maior alegria o que ouve é que não existe nenhuma razão que o impeça de ser monge³⁴. O frei pergunta: “Por que fazer-se trapista? TM o fixa nos olhos com firmeza e diz: “Porque quero dar tudo a Deus!”³⁵.

Escreve, então, ao abade do Gethsemani pedindo permissão para fazer um retiro no tempo de Natal. Chega o dia da sua viagem e a alegria o acompanha em todo o trajeto. Quando chega, o irmão lhe abre a porta e pergunta: “Desta vez veio para ficar? E agora, tomado por uma alegre certeza, responde: sim”³⁶.

6 O mosteiro: “entre as quatro paredes de minha liberdade”

“Então o irmão Mateus fechou o portão atrás de mim, e eu estava encerrado entre as quatro paredes de minha liberdade.”³⁷. TM era agora um aprendiz da alegria. “O mosteiro é uma escola em que aprendemos a ser felizes”³⁸. Era 10 de dezembro de 1941, tempo do Advento. E como monge sua alma seria a gruta de Belém. Ele era postulante e se preparava para o noviciado. Adquiri um novo nome: Frei Louis.

Recebe a visita de seu amigo Bob Lax, e lhe entrega os manuscritos de alguns de seus poemas. E antes que terminasse o ano fica sabendo que haviam sido publicados³⁹.

Com a publicação destes poemas, TM se sentiu ameaçado por sua identidade de escritor, tem receio que escrever possa vir a ser um problema. “Meus votos deviam ter-me despojado dos últimos traços de alguma identidade especial”⁴⁰. Começa a suspeitar de que não existe mais nele a vocação para a contemplação.

Mas, na manhã do dia em que professou seus votos solenes, reconheceu que não lhe importava saber o que era ser contemplativo, o que era sua vocação e nem o que era a vocação cisterciense, assim, ele escreveu:

Naquela manhã, quando estava estirado com o rosto no chão no meio da Igreja, com o reverendo Abade rezando sobre minha cabeça, comecei a rir com boca no pó, porque sem saber como e por que eu havia feito a coisa certa e mesmo uma coisa surpreendente. Mas o surpreendente não era o meu trabalho, mas o trabalho que vós realizastes em mim⁴¹.

TM havia, enfim, encontrado seu lugar, aprendera a esperar e a dar tudo a Deus. Tinha reconhecido que o caminho percorrido por vezes tão longo e doloroso o conduziu, a ele, artista, diletante delicado, poeta, homem do mundo, para os Tabernáculos da Contemplação, do silêncio e da Solidão em Deus; e para sua surpresa, para o mundo também.

7 Um monge escritor e poeta para o mundo

Em um dos seus primeiros livros ‘O signo de Jonas’, ele havia escrito que desejava a total solidão, queria o anonimato. O que acontecia sem saber, era que precisava mais uma vez se colocar sob a vontade de Deus e deixar-se conduzir por Ele, pois estava entrando em mais uma nova etapa de sua vida que já havia sido iniciada quando quis ‘dar tudo a Deus’.

A sua vida começou a tomar um novo rumo, logo dois anos depois de sua ordenação, quando assumiu a formação de noviços, e se dedicou à felicidade destes jovens⁴². Foram anos fecundos. Nascia a sua compaixão pelo homem e o desejo de partilhar com o mundo tudo que recebia de Deus.

Quando deixou a função de mestre de noviços que tanto contribuiu para sua maturação humana e espiritual deu início a uma nova fase. Obteve a permissão para tratar em seus livros e em vários artigos os assuntos mais candentes do mundo contemporâneo. E, a pedido seu, foi autorizado, antecipando o movimento ecumênico de João XXIII, a manter durante cinco anos encontros quinzenais com pastores e estudantes protestantes e também com estudiosos judeus⁴³. Tornando-se o precursor do ecumenismo e logo depois do macroecumenismo.

E sempre motivado pelo desejo do silêncio e da solidão, teve em 1965, a licença para ter uma vida de eremita. Passa a morar perto do mosteiro onde todos os dias celebrava a missa. Ele estava, enfim, fazendo sua experiência de silêncio e liberdade.

Foi do eremitério, no seu silêncio, que manteve com o mundo uma frutuosa relação. Sua contemplação e ação são inspiradas no relato bíblico sobre Marta e Maria e no lema beneditino ‘ora et labora’, onde compartilhava com o mundo os seus frutos.

Foi um formador de opiniões, não só escrevendo mais também quando realizava conferências. Denunciou como obscena e imoral a fabricação e o uso de armas atômicas e inspirou os maiores grupos promotores da paz e da justiça. Para ele seria uma blasfêmia falar sobre Deus e silenciar diante da guerra do Vietnã.

Sua espiritualidade que consistia em subir a montanha de Deus e no descer às realidades terrestres, colocando em sua vida de oração e silêncio as dores do mundo, era movido pela relação de cuidado e solidariedade por todo ser humano. Mergulhado nas raízes do Evangelho libertador de Jesus, na rica tradição que pertencia seu mosteiro e no fruto dos diálogos com outras religiões.

Por isso, nada o fazia acreditar que estivera fazendo algo errado, “Pelo menos me sinto bem por ter manifestado o que é decerto a verdadeira posição cristã”⁴⁴.

Para ele a relação com Deus acontece a partir da realidade humana. Seu diálogo com outras religiões e principalmente com as místicas judaica, budista, hinduísta e com o islã, realizando pontes entre elas, se dava dentre outros motivos por entender que Deus nos fala através dos acontecimentos no mundo e que os sinais de crise devem ser interpretados pelos homens de religião. Sua visão somatória, embora se aproximasse das decisões tomadas pelo Concílio Vaticano II, revela-se, porém, mais profunda que as regras de atualização e reforma originárias de Roma.

TM acreditava que “as diferenças doutrinárias devem ser conservadas, mas elas não invalidam uma qualidade muito real de semelhanças existencial”⁴⁵. Pois, possibilitam as semelhanças na esfera da experiência religiosa, em um diálogo que não significa ‘fusão nem confusão’, mas cooperação, no aprofundamento do próprio compromisso de fé. E a partir deste diálogo em profundidade com as tradições religiosas Orientais, se confirma nele, ‘uma oportunidade maravilhosa’ de aprofundamento das potencialidades e virtualidades existentes nestas tradições⁴⁶. Possibilitando uma ampliação de seus horizontes.

Por este ecumenismo e macroecumenismo que ele já punha em ação há vários anos, nas suas relações com pessoas das convicções mais diversas, leva-o a conhecer no eremitério uma dilatação do sagrado. Procura romper a dicotomia entre o religioso e o profano, por que entende a mística como a experiência do encontro com o mistério de Deus, com o mistério do ser humano e com o mistério da criação.

Não se pode negar em TM uma subjetividade aberta, por ver o outro e ser visto humanamente, falar ao outro e escutá-lo, em

ajudar e por último em assumir unicamente que somos humanos com os outros e junto a eles⁴⁷.

Ele chegou a ser considerado o São João da Cruz do século XX: um poeta e contemplativo, um grande místico. Um monge, escritor e poeta que conseguiu traduzir em linguagem moderna os temas fundamentais da vida monástica e da vida espiritual cristã, como soube também integrar sua vida com o mundo através de pessoas representativas no âmbito da arte, letras e da cultura em geral.

Um de seus maiores descontentamentos durante o período no eremitério foi que por um lado era plenamente consciente do valor da solidão para seu crescimento espiritual, mas por outro, sentia a necessidade de comunicar-se com as outras pessoas. À medida que crescia sua experiência de Deus, sentia uma maior responsabilidade pelo bem do outro e de toda a sociedade. Escrever era a maneira que tinha para poder comunicar. Foi uma verdadeira missão e vocação que cresceram de sua experiência de Deus.

Em meio a uma vida cheia de desejo em corresponde à vontade de Deus, TM vive uma forte paixão. A importância deste fato, que o mesmo o tornou significativo em seu diário, estar em assumir seus próprios sentimentos.

8 Entre uma paixão e o mosteiro

Era março de 1967 quando teve de ser submetido a uma cirurgia. E enquanto estava em recuperação no hospital, conhece uma enfermeira que tinha sido designada para cuidar de seus curativos. No seu diário escreveu: “Neste dia me mandaram, como enfermeira ainda estudante, para cuidar especialmente de mim, mudar as compressas na minha coxa... em uma semana estávamos apaixonados”⁴⁸. Ele amou e permitiu-se ser profundamente amado.

TM pôde experimentar em sua liberdade o sentimento de amor por uma mulher, arriscou-se amá-la sem medo! Em nenhum momento negou a si mesmo. Estava nesta relação por inteiro e por isso pôde com mesma liberdade com que amou, dizer a si mesmo, que não poderia viver sem o eremitério, sem ser fiel ao voto de castidade e a tudo que prometera a Deus.

Nele percebemos que a mais repressiva ascese não consegue apagar as poderosas correntes subterrâneas de nosso psiquismo. As paixões não conhecem a linguagem da repressão, mas da integração.

Ele reconheceu que tudo o que vivia não era apenas desejo seu, mas que a “solidão é a vontade de Deus pra mim – não é apenas que eu ‘obedeça’ às autoridades e às leis da Igreja. É mais do que isso. É aqui que estão minhas raízes”⁴⁹.

E, em junho de 1966, rompe seu relacionamento voltando ao primeiro amor, lembrando de seus votos de entrega incondicional a Deus.

Para TM suas escolhas e decisões, bem como sua compreensão sobre as experiências religiosas, são agora, iluminadas por seu profundo desejo de corresponder à vontade de Deus, que se refletia na sua constante busca de uma melhor relação com o mundo, com as pessoas e com Deus.

9 A viagem ao Oriente

Depois deste momento tão significativo para TM, persistia nele mesmo vivendo em seu eremitério, o desejo do silêncio e da contemplação.

Toda sua angustia o fazia procurar nas leituras sobre a mística Oriental uma nova maneira de reencontrar seu caminho, porque nela muito o impressionava a busca da contemplação e a idéia de solidão como parte da clarificação que inclui viver para os outros, a dissolução do ego ao ‘pertencer a todos’ por considerar como seus os sofrimentos alheios.

Quando leu um livro sobre o budismo que falava da meditação, fez o seguinte comentário: “Um dos livros mais belos que já li. Dá-me uma visão toda nova (velha) de minha própria vida...Profundamente comovedor em todos os sentidos. Raras vezes encontrei um livro ao qual eu reagisse tão totalmente assim”⁵⁰. Esta não foi sua primeira leitura sobre o budismo ou sobre as místicas Orientais. E os reflexos destas estavam em sua busca pela essência da contemplação e solidão.

O monaquismo Oriental, a sabedoria o Oriente e seu pendor para valorizar o invisível, o absoluto, cada vez mais o atraíram para um estudo aprofundado que traria para o cristianismo ocidental novas riquezas por vezes esquecidas ou postas de lado.

TM quis encontrar-se com a solidão e deixar que tudo acontecesse de maneira silenciosa e invisível. E, em um convite que recebeu para participar de um Congresso ecumênico, organizado pelos beneditinos em Bangoc, na Tailândia, percebeu que era sua a chance de estabelecer contatos com monges e dirigentes budistas.

Era também a oportunidade para reencontrar seu caminho, assim, escreveu em seu diário:

Vou com a mente de todo aberta. Sem ilusões especiais, espero. Minha esperança é simplesmente desfrutar da longa viagem, dela tirar proveito, aprender, mudar... Talvez isso não seja tão importante. A grande coisa é corresponder perfeitamente à Vontade de Deus nessa ocasião providencial, seja o que for que ele traga ⁵¹.

O percurso de sua viagem foi grande, passou por vários lugares antes de chegar à Indonésia, e a ela se referiu escrevendo: “Estou indo para casa, a casa onde jamais estive com este corpo, onde jamais estive com este terno lavável... Que eu não volte sem haver resolvido a grande questão. Nem sem haver também descoberto a grande paixão, mahakaruna” ⁵². E na Ásia, TM visita vários países. Na China conversou com Phara Khantipalo (autor de livros sobre o budismo), sobre meditação e com o abade budista Chão Khun, conversaram sobre os objetivos do budismo theravada ⁵³.

Todas estas conversas possibilitaram uma melhor compreensão das experiências religiosas vividas nas religiões orientais, de sua disciplina e dedicação.

Teve também encontros com o Dalai Lama, que lhe causou forte impressão, no seu diário registrou; “é ativo e forte, mais alto do que eu esperava. Um homem sólido, cheio de energia, generoso e cordial” ⁵⁴. As conversas foram sobre religião, filosofia e particularmente sobre meditação e seus métodos.

Conversaram também sobre epistemologia e mente. TM lhe falou que “era importante que os monges no mundo, fossem exemplos vivos da libertação e transformação da consciência que a meditação pode dar”⁵⁵. E o Dalai Lama lhe falou sobre samadhi⁵⁶, no sentido de concentração controlada, referindo-se a mente como “aquilo no que alguém se concentra”, insistindo no “desapego, numa vida não-mundana, como caminho para o perfeito entendimento e participação nos problemas da vida e da sociedade”⁵⁷.

O que seria importante para esta atitude, colaborando com o que TM acreditava ser necessário para a vida contemplativa, era de que os monges tivessem um tempo pessoal, que não fosse dominado pelo ego e suas exigências. Para que fosse aberto para o outro, um tempo compassivo⁵⁸.

Logo após este encontro, já perto de sua partida, TM teve uma experiência única quando andava por uma trilha e se deparou com grandes imagens do Buda esculpidas em pedras:

O silêncio de suas extraordinárias face. Os sorrisos largos. Imensos, porém sutis... Olhando-as fui bruscamente e quase à força arrancado para ficar livre do modo habitual de ver as coisas, já em si algo exaustivo, e uma clareza interior, uma nitidez que parecia explodir das pedras, tornou-se manifesta e óbvia... a grande questão, sobre isso tudo, é que não há enigma, não há problema, não há ‘mistério’. Todos os problemas já estão resolvidos e tudo está muito claro, simplesmente porque o que importa está claro. A pedra, toda a matéria, toda a vida, está imantada de dharmakaya – tudo é vazio e tudo é compaixão. Não sei quando em minha vida tive um tal senso de beleza e vitalidade espiritual a fluir juntas numa mesma iluminação estética.... Quero dizer que eu sei e vi aquilo de que andava obscuramente à procura. O que resta, não sei, mas agora já vi, penetrei pela superfície adentro e fui além da sombra e do disfarce⁵⁹

Esta experiência que viveu TM provocou um mergulho em si mesmo. Como ele mesmo disse: “Somente quando não resta mais ne-

nhum vestígio do eu como ‘lugar’ no qual Deus age, somente quando Deus age puramente em si mesmo, nós, enfim, recobramos nosso ‘verdadeiro eu’, (que nos termos Zen, é não-eu, não-ser)”⁶⁰.

Todo o caminho percorrido, até mesmo antes de sua viagem, as conversas e escutas de tantas pessoas nestas terras (no oriente), estranhas ao seu corpo, mas tão familiares ao seu desejo, lhe possibilitaram de uma forma inimaginável este desvelamento.

10 O congresso e o fim misterioso de uma “viagem”

Estava próximo o dia da realização do Congresso em que ele iria falar para cristãos e budistas. Partiu, então, para Tailândia, e em sua conferência intitulada ‘Marxismo e perspectivas monásticas’, ressaltou “O valor do diálogo e do intercâmbio entre as pessoas de várias religiões que procuram penetrar o terreno fundamental de suas crenças através de uma transformação da consciência religiosa”.

Para ele, na experiência religiosa, há uma real ‘semelhança existencial’, em que possibilita ‘uma comunicação em profundidade’. E afirma que:

O nível mais profundo da comunicação não é a comunicação, mas a comunhão. Ela está além das palavras, dos discursos e dos conceitos. Aqui, não estamos descobrindo uma unidade nova e sim antiga. Nós já somos Um, mas imaginamos não ser. O que temos de reencontrar é nossa unidade original. O que temos de ser é o que nós somos⁶¹.

Logo, em consequência das experiências de tantas outras religiões, se tem não só o aperfeiçoamento, e a qualificação da vida cristã, mas da própria descoberta de quem somos.

Após esta conferência, TM se recolheu e, em seu quarto, acidentalmente morre eletrocutado por um ventilador com defeito. Estava com 53 anos.

Existem muitas especulações de que sua morte nada foi acidental. Por causa do momento de crise em que estava o mundo, era tempo de guerra do Vietnã, esta palestra não ficaria impune. TM sem-

pre demonstrou ser contrário e havia contribuído para a criação de vários movimentos contra todo ato violento.

Um jornalista chamado Bob Grip, foi quem mais escreveu a respeito. Ele solicitou a abertura dos arquivos do FBI e da CIA, e estes revelaram que TM era uma pessoa visada por órgãos de segurança. Um grupo de católicos ultranacionalistas enviou ao FBI uma carta sugerindo que os passos de TM fossem vigiados, por se tratar de uma pessoa perigosa e ter sido comunista na juventude. Estes foram os seus grandes inimigos, chegaram a queimar publicamente suas obras, chamando-o de ateu e antipatriota, por se opor a guerra do Vietnã⁶².

O fato é que TM em meio a tropeções e quedas percorreu seu caminho. Deixou marcas de uma personalidade forte e terna por onde passou. E, em fim, conhece agora quem tanto amou e ouve com clareza sua voz. Seu amor proclamado quando escreveu rezando, anunciava mais uma vez seu desejo de abandono, de entrega total e da certeza que tinha de ser amado:

Pai, eu te amo, a ti que não conheço, e te abraço sem ver-te, abandono-me a ti a quem ofendi porque me amas em teu unigênito. Vês ele em mim, abraças a ele em mim porque ele quis identificar-se completamente comigo por aquele amor que o levou à morte, por mim, na cruz ⁶³.

Conclusão

Thomas Merton foi um homem que desfrutou de uma vida intelectual brilhante, desde sua juventude, quando percorria um caminho de desilusão e conflitos, até que no encontro consigo mesmo em Deus, assumiu-se como um escritor apaixonado. Em seu diário anotou que escrever “é pensar e viver – e até rezar”, “escrever é amar”. E desta forma, além de suas conferências manteve-se em contato com o mundo, consigo mesmo e com Deus.

Concluimos diante de tudo o que nos foi apresentado nesta pesquisa que sua trajetória, sua espiritualidade e mística profundamente enraizadas no Evangelho em uma radical solidariedade com os pobres, excluídos e marginalizados do mundo, é um convite a uma expe-

riência sadia com Deus, deixando a sedução do que aliena pela sedução do Absoluto. Que se traduz em uma abertura ao outro, ao diferente; em um diálogo inter-religioso frutuoso e enriquecedor.

Notas

- ¹ Pesquisa apresentada na disciplina Questões Especiais sobre Deus
- ² Mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral – PUC-Rio
- ³ HART, Patrick ; MONTALDO, Jonathan. **Merton na intimidade**: sua vida em seus diários. Rio de Janeiro, FISUS, 2001. Um livro que reúne memórias em forma de diário, composta por passagens selecionadas de seu diário (uma obra de 7 volumes). Traduzido por Leonardo Fróes (monge trapista).
- ⁴ Cf. MERTON, Thomas. **A montanha dos sete patamares**. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 20-21
- ⁵ *Ibid.*, p. 34
- ⁶ Cf. *Ibid.*, p. 41-42
- ⁷ Cf. *Ibid.*, p. 87
- ⁸ Cf. *Ibid.*, p. 95
- ⁹ *Ibid.*, p. 102
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 106
- ¹¹ *Ibid.*, p. 115
- ¹² *Ibid.*, p. 151
- ¹³ *Ibid.*, p. 160
- ¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 168
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 173-174
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 187
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 196
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 200-201
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 204
- ²⁰ *Ibid.*, p. 211
- ²¹ *Ibid.*, p. 229
- ²² *Ibid.*, p. 231
- ²³ *Ibid.*, p. 231
- ²⁴ *Ibid.*, p. 240
- ²⁵ *Ibid.*, p. 264
- ²⁶ *Ibid.*, p. 267-268
- ²⁷ *Ibid.*, p. 270
- ²⁸ *Ibid.*, p. 281
- ²⁹ Vida monástica no seguimento de Cristo segundo as regras de São Bento, fundada em 1908. No séc. XI com a abertura de um mosteiro em Cister (Borganha, França) passaram a se chamar Cistercienses. A partir do séc. XII, ocorreu um afastamento dos ideais das origens, e foi iniciada a reforma, o

abade Francês Dom Jean Armand, realiza em sua comunidade de La Trappe, um programa de reforma, enfatizando a separação com o mundo. Passando em seguida a novas fundações com a forma de vida La Trappe. Constituinto-se juridicamente uma nova ordem cisterciense da estrita observância (Trapistas). Cf. www.mosteirotrapista.org.br/história.htm

³⁰ MERTON, 2005, p. 287

³¹ *Ibid.*, p. 290

³² *Ibid.*, p. 291

³³ *Ibid.*, p. 301

³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 331

³⁵ SOUZA, Maria Emmanuel e Silva. **Thomas Merton: um homem feliz.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 31-32

³⁶ Cf. MERTON, 2005, p. 336

³⁷ *Ibid.*, p. 337

³⁸ *Ibid.*, p. 337

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 368

⁴⁰ *Ibid.*, p. 370

⁴¹ *Ibid.*, p. 379

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 35

⁴³ SOUZA, 2003, p. 36-37

⁴⁴ MERTON, 2005, p. 215

⁴⁵ MERTON, Thomas. **O diário da Ásia.** Belo Horizonte: Vega, 1978. p. 245

⁴⁶ *Ibid.*, p. 267.

⁴⁷ Cf. GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã.** São Paulo: Paulus, 2001. p. 452-454

⁴⁸ HART; MONTALDO, 2001, p. 351

⁴⁹ MERTON, 2005, p. 348

⁵⁰ HART; MONTALDO, 2001, p. 380

⁵¹ *Ibid.*, p. 386

⁵² *Ibid.*, p. 390

⁵³ Theravada (Pali: *thera* “anciãos” + *vada* “palavra, doutrina”), a “Doutrina dos Anciãos”, é o nome da escola de Budismo que tem suas escrituras no Cânone em Pali ou Tipitaka, que os acadêmicos em geral aceitam como sendo o registro mais antigo dos ensinamentos do Buda.

⁵⁴ HART; MONTALDO, 2001, p. 399

⁵⁵ *Ibid.*, p. 402

⁵⁶ Significa concentração correta na meditação.

⁵⁷ HART; MONTALDO, 2001, p. 403

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 403

⁵⁹ *Ibid.*, p. 416-417

⁶⁰ MERTON, Thomas. **Zen e as aves de rapina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 15

⁶¹ BASSET, Jean-Claude. **Le dialogue Interreligieux: histoire et avenir,** Paris: Ed. du Cerf, 1996, p. 122

⁶² Cf. www.ihu.unisinos.com.br

⁶³ MERTON, Thomas. **Na liberdade da solidão**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 58.

Referências

BASSET, Jean-Claude. **Le Dialogue Interreligieux**: histoire et avenir, Paris: Ed. du Cerf, 1996.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã. São Paulo: Paulus, 2001.

HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan. **Merton na intimidade**: sua vida em seus diários. Rio de Janeiro: FISUS, 2001.

MERTON, Thomas. **A montanha dos sete patamares**. Petrópolis: Vozes. 2005.

_____. **Reflexiones sobre Oriente**. Barcelona: Ediciones Oniro, 1997.

_____. **Na liberdade da solidão**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Homem algum é uma ilha**. Campinas: Verus Editora, 2003.

_____. **Zen e as aves de rapina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **O diário da Ásia**. Belo Horizonte: Vega, 1978.

SOUZA, Maria E. e Silva. **Thomas Merton**: um homem feliz. Petrópolis: Vozes, 2003.

Endereço para contato:

Trav. Soledade, 25, ap. 513

Praça da Bandeira – Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

CEP 20270-120

e-mail: francilaide@ig.com.br